

COLETÂNEA TRAVESSIA

CONTOS E CRÔNICAS - VOL. II

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



Imprensa
Universitária
UFC



CONCURSO LITERÁRIO DA
SEMANA DO SERVIDOR



EDIÇÕES
UFC



Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Milton Ribeiro



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ - UFC

Reitor

Prof. José Cândido Lustosa Bittencourt de Albuquerque

Vice-Reitor

Prof. José Glauco Lobo Filho

Pró-Reitor de Planejamento e Administração

Prof. Almir Bittencourt da Silva

Pró-Reitora Adjunta de Planejamento e Administração

Adênia Maria Augusto Guimarães



IMPrensa UNIVERSITÁRIA

Diretor

Joaquim Melo de Albuquerque

COLETÂNEA TRAVESSIA

CONTOS E CRÔNICAS – VOL. II

• BRUNA KESSIA RODRIGUES DA SILVA CAETANO • BRUNO ALVES DE SOUSA • CAMILA IZIDORIO DE SOUSA • LUCAS DAVID REIS PEREIRA • CARLA ROBERTA SANTOS DUARTE • JULIANA MARIA FERNANDES DE ALMEIDA • MARCELO TAVARES NATIVIDADE • MÔNICA CARDOSO FAÇANHA • PAULO DE TARSO CAVALCANTE FREIRE • SUSY ANNE ALMEIDA CABRAL

ORGANIZADORES: JOAQUIM MELO DE ALBUQUERQUE • MARIA PINHEIRO PESSOA • LADY DAYANA OLIVEIRA



Coletânea Travessia – contos e crônicas – VOL. II

Copyright © 2021 by Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa de Andrade e Lady Dayana Silva de Oliveira (organizadores)

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)

Av. da Universidade, 2932 – Benfica – Fortaleza – Ceará

Coordenação editorial

Joaquim Melo de Albuquerque

Revisão de texto

Leonora Vale de Albuquerque

Normalização bibliográfica

Perpétua Socorro Tavares Guimarães

Imagem da capa

Fotografia de Gandhi Guimarães

Programação visual, Diagramação e Capa

Valdiano Araújo Macêdo

Secretaria de Cultura da UFC (SECULT UFC)

Diretora: Maria Pinheiro Pessoa de Andrade

Vice-diretor: Francisco Alves de Miranda

Assistente em Administração: Hilda Luiza Pinho Ribeiro

Produtora Cultural: Lady Dayana Silva de Oliveira

Comissão Julgadora do II Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2021

Orlando Luiz de Araújo (presidente)

Ana Maria César Pompeu

Marcelo Almeida Peloggio

Júlio Cezar Bastoni da Silva

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Perpétua Socorro Tavares Guimarães CRB 3 801–98

C694 Coletânea Travessia [livro eletrônico]: contos e crônicas vol. II. / Organização de Joaquim Melo de Albuquerque, Maria Pinheiro Pessoa de Andrade, Lady Dayana Silva de Oliveira... / Secretaria de Cultura da UFC. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2021. 2754 Kb; PDF.

Publicação resultante do II Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2021. 83 p.

ISBN: 978-65-88492-84-0

1. Literatura brasileira. 2. Contos e Crônicas I. Albuquerque, Joaquim Melo de II. Andrade, Maria Pinheiro Pessoa de III. Oliveira, Lady Dayana Silva de IV. Título.

CDD: 869.8

APRESENTAÇÃO

O Concurso Literário da Semana do Servidor e a Coletânea Travessia alçaram voos potentes nessa breve trajetória. Pode-se ver o quão foi fundamental o diálogo com o meio online e todas as infinitas possibilidades que a internet nos reserva. Dentre as maravilhas, destacamos o fato da primeira edição ter sido acessada em dez países, ultrapassando muito além dos muros da universidade.

Se o que nos é caro nessa iniciativa é o fomento da produção literária na Semana do Servidor, o feito de termos alcançado o recorde de inscrições neste segundo ano e o de reunirmos inscrições de todos os campi da UFC são dados extremamente significativos e gratificantes, pois nos mostram que estamos no sentido almejado.

É muito precioso para nós também o que não conseguimos mensurar, mas que dá total sentido a essa ação, como o sentimento que envolve a leitura dos contos e crônicas da coletânea, a experiência dos(as) servidores(as) em terem sua obra publicada em um livro e o comprometimento institucional da Secretaria de Cultura da UFC, da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e da Imprensa Universitária da UFC, que de forma colaborativa, realiza a produção desta louvável iniciativa.

Para esse segundo ano, planejamos parcerias para estarmos em Bibliotecas Públicas do Estado do Ceará, Bibliotecas Comunitárias e no projeto Livros Livres. Esforços como esse visam um diálogo maior com a sociedade, a valorização dos(as) autores(as) aqui selecionados(as) e a busca incansável por um maior acesso à cultura.

Dessa forma, parabenizamos e agradecemos os(as) autores(as) e servidores(as) que participaram da produção dessa segunda edição da Coletânea Travessia e convidamos a todos para apreciarem mais uma obra da nossa prata da casa.

Maria Pinheiro Pessoa de Andrade
Diretora da Secretaria de Cultura da UFC

Despertar do pertencimento institucional

A Universidade Federal do Ceará, ao longo de sua história, segue em um esforço hercúleo de promover as políticas e preceitos delineados, desde o início, por seu fundador, professor Antônio Martins Filho, formando profissionais de alta qualidade, gerando e difundindo conhecimento, preservando e divulgando valores éticos, científicos, artísticos e culturais e a valorização dos recursos humanos.

Notadamente sobre a divulgação dos valores artísticos e culturais, a segunda edição do Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2021, reitera a parceria entre a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas (PROGEP) e a Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Ceará (Secult UFC).

O objetivo do evento é consolidar a política de desenvolvimento e valorização dos servidores desta instituição, dando maior visibilidade a suas ações e despertando o sentimento de pertencimento institucional. O conjunto desses fatores impõe imediato alinhamento à identidade estratégica da UFC (missão, visão e princípios norteadores), favorecendo a remodelagem da cultura organizacional existente, com vistas ao fortalecimento institucional.

Travessia nos remete a mudanças, movimentos, caminhos e incertezas. Nas travessias que vivenciamos não sabemos exatamente aonde chegaremos, como chegaremos e por vezes quem estará conosco. Necessário é, entretanto, construir um elo com algo, porque ir de um ponto a outro, seja física ou mentalmente, em um mundo real ou abstrato, é um presságio de realização. E a cultura nos possibilita isso, seja pela música, pelas palavras ou pelas imagens. Por meio delas, nos conectamos a algo e atribuímos sentido. Nossas viagens, memórias, emoções e até mesmo o próprio silêncio são representações dos nossos sentimentos e nos fazem, acima de tudo, esperar.

Este tem sido o propósito desta Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas, em suas diferentes formas de atuação e nos diferentes elos construídos com a comunidade universitária da UFC.

Assim, deixamos o convite aos leitores e leitoras a se deleitarem nesta coletânea de contos e crônicas, cuja primeira edição alçou voos em 10 países, nos mostrando outras facetas de um dos nossos principais ativos: OS SERVIDORES.

Telma Araújo do Nascimento
Pró-Reitora Adjunta de Gestão de Pessoas da UFC

PREFÁCIO

UMA TRAVESSIA BEM-SUCEDIDA

A presente recolha dá a público contos e crônicas selecionados para a Coletânea Travessia, do II Concurso Literário da Semana do Servidor UFC 2021. Desta reunião de dez trabalhos consta apenas um que mais se aproxima da forma do poema em versos livres do que do modo narrativo em prosa.

O conto e a crônica são dois gêneros literários que, por sua brevidade e leveza, requerem dos seus cultores grande poder de síntese criativa e habilidade no trato com as palavras, frases, períodos, parágrafos e agilidade nos diálogos.

Costumo dizer nas intervenções públicas das quais participo, que os imperativos de um escritor são: 1º) Acrescer a sensibilidade do leitor com uma boa peça escrita; 2º) Acrescer a consciência crítica de quem está a ler; 3º) Acrescer os usos expressivos da Língua Portuguesa pelos mais variados expedientes disponíveis no arsenal léxico, semântico e sintático; 4º) Acrescer o repertório existente dos gêneros praticados com novas produções à altura do melhor já feito anteriormente.

Estas duas espécies da arte de narrar ora selecionadas têm excelentes representantes na literatura brasileira, sendo exemplares, entre

os contistas, os casos de Machado de Assis, Artur Azevedo e Graciliano Ramos, para ficarmos em apenas três exemplos; na crônica, os de Rubem Braga, Paulo Mendes Campos e Manuel Bandeira, responsáveis por darem a esta o estatuto respeitável de gênero literário típico brasileiro.

Nesta coletânea, seus integrantes dão testemunho de haver aprendido com os escritores do ramo, os citados e muitos outros, o *modus faciendi* da arte praticada. A qualidade dos contos e crônicas aqui trazidos é inegável. Os textos de que ora trato, me parecem haver alcançado os requisitos antes enumerados, uns com melhor, outros com menos realização, como é natural numa coletânea, mas sem que se perca a qualidade do todo.

Vale referir ser esta uma iniciativa louvável, a de revelar e lançar novos escritores na cena literária. E assim dizemos com prazer, pois nem sempre essa espécie de concursos chega a resultado apreciável por conta de apadrinhamentos, injunções políticas e igrejinhas, sobre as quais tanto nos preveniu o saudoso professor da UFRJ e crítico literário mor Afrânio Coutinho.

Procedidas estas achegas iniciais, passemos uma ligeira vista de olhos apreciativa do reunido nas páginas a ler, cumprindo o que se espera de um Prefácio, mesmo se breve.

“A foto ao lado”, de Bruna Kessia Rodrigues da Silva Caetano, consiste num miniconto com fluência na narrativa curta e singularidade no fato aproveitado, realizado nos domínios do sobrenatural. “Em memória”, de Camila Izidorio de Sousa, temos uma “short-story” calcada na memória, e bem desenvolvida em torno de um avô protagonista misterioso, e de sua neta, personagem que com ele faz contraponto. Esta é designada pelo oxímoro “menina já adulta” e pelo nome próprio Ana. “Jogo”, de Marcelo Tavares Natividade, é o texto que tem mais

proximidade com um poema em versos livres do que com a arte de narrar em prosa. “Morado”, de Bruno Alves de Sousa, vem a ser uma diegese bem sustentada, sob a tensão do autoerotismo, cuja chave só se revela na surpresa do fecho assertivo (última frase) do conto. “O muro”, de Juliana Maria Fernandes de Almeida, traz uma narrativa didática sobre indecisão e dúvida, mantida sob tensão maiêutica e clima dubitativo. Tem caráter normativo-moral para a necessária tomada de decisões na vida prática de quem a lê. “A vendedora ambulante”, de Paulo de Tarso Cavalcante Freire, é história curta referente ao cotidiano popular, em registro feito entre crônica e conto cujas fronteiras nem sempre são distintas. “De volta ao presente”, de Carla Roberta Santos Duarte, nos dá uma crônica com tema da atualidade. Traz como cenário a pandemia da Covid-19, dando azo à cronista tecer considerações sobre a condição humana vulnerada e aviltada nesse trágico cenário de sofrimento e morte. “Minha psicanalista está de licença”, de Susy Anne Almeida Cabral, é crônica que privilegia e explora fato onírico inusitado. Está estruturada como manda a receita do gênero. Leve na fluência, cheia de humor e irreverência. Mais um detalhe: traz o necessário domínio do vernáculo. “Pandemia, silêncio e esperança”, de Mônica Cardoso Façanha; segundo a tipologia da crônica, esta é da espécie jornalística em que pontifica o assunto da hora. Reporta o cenário pandêmico vivido pelo mundo e, naturalmente, pelo Brasil desde 2019. Realizada com informações bem precisas, sim. Entretanto passa ao largo da irresponsabilidade política do governo federal brasileiro, omissa em parte maior quanto ao correto combate à desgraça pandêmica que infelicitava nosso país. Afinal, o quadro delineado não ocorreu e transcorre no vácuo. “Seu Bolota”, de Lucas David Reis Pereira, é conto bem concebido em torno do caso de reificação/descoisificação

do protagonista, que se rebela contra o incômodo epíteto-título que lhe atribuem. Sua decisiva atitude de rebeldia o leva a ascender funcionalmente na empresa onde trabalha e a merecer respeito social entre os de seus contatos primários. Conto instigante, lembra os melhores momentos do maranhense Artur Azevedo.

Eis, pois, o que se há de ler nesta coletânea que tivemos o prazer de prefaciar. Parabéns aos autores e aos promotores do certame. Que os aqui selecionados tenham sempre em mente e como consigna maior a observância das normas da Língua Portuguesa, a mais sonora e doce de todas, segundo Miguel de Cervantes e José Albano, pois somente com o amor pela nossa língua materna, e muita fabulação, poderemos ser considerados por quem nos lê verdadeiros escritores.

Roberto Pontes

Poeta, crítico e ensaísta
Professor aposentado do Curso de Letras da UFC

SUMÁRIO

CONTOS

15

A FOTO AO LADO

Bruna Kessia Rodrigues da Silva Caetano

19

EM MEMÓRIA

Camila Izidorio de Sousa

25

JOGO

Marcelo Tavares Natividade

29

MORADO

Bruno Alves de Sousa

34

O MURO

Juliana Maria Fernandes de Almeida

CRÔNICAS

44

A VENDEDORA AMBULANTE

Paulo de Tarso Cavalcante Freire

50

DE VOLTA AO PRESENTE

Carla Roberta Santos Duarte

56

MINHA PSICANALISTA ESTÁ DE LICENÇA - UMA CRÔNICA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE

Susy Anne Almeida Cabral

61

PANDEMIA, SILÊNCIO E ESPERANÇA

Mônica Cardoso Façanha

68

SEU BOLOTA

Lucas David Reis Pereira

A foto ao lado

Bruna Kessia Rodrigues da Silva Caetano

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará (2018). Atualmente é Técnica em Assuntos Educacionais da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Avaliação de Sistemas, Instituições, Planos e Programas Educacionais, atuando principalmente nos seguintes temas: planejamento educacional, formação de professores e processo de avaliação.

A FOTO AO LADO

Carlos não conseguia se lembrar que dia da semana o calendário marcava; tampouco, recordava-se de como viera parar ali. Sua mente girava e girava em meio a um cenário desconhecido para ele, que se esforçava para recordar de quem era o rosto no porta-retrato ao lado da cama em que se encontrava. Na imagem, uma mulher, de longos cabelos cor de milho, sorria envolta em uma radiante paisagem, que lembrava os alpes suíços. A luminosidade que emanava do sorriso na foto contrastava com o aspecto do quarto em que Carlos se encontrava.

O quarto, com suas paredes verde-musgo, transmitia uma sensação de pouco asseio e de enclausuramento; a única janela do cômodo era alta o suficiente para impedir olhares curiosos. Velhas cortinas de um tecido branco com manchas amareladas vedavam a pequena janela, bloqueando a passagem dos raios de sol. Ao lado da cama, havia um criado-mudo, disposto na lateral esquerda, sobre o qual descansava o porta-retrato e um pequeno abajur cor de âmbar. A luz tênue e escassa do abajur era a única iluminação presente no pequeno quarto.

De onde estava, Carlos divisava a pequena janela com suas cortinas puídas, que balançavam fracamente. Suspirou leve, abafando os próprios ruídos na tentativa de ouvir algo que lhe trouxesse alguma resposta. Nada. Nenhum mísero som emanava do quarto. Carlos supôs que estivesse sozinho, o que lhe fez suspirar de alívio, mas também aumentou sua apreensão.

O ar abafado do quarto era sufocante. Nem mesmo o cheiro de desodorizador, que parecia pairar no ambiente, era capaz de disfarçar

o odor rançoso de sobras de comida. Ou seria o odor de um animal morto? Difícil definir, mas o ambiente como um todo exalava uma atmosfera repugnante.

O cômodo tinha dimensões diminutas e, além da cama e do criado-mudo, de frente para o leito, postava-se intimidadora uma cadeira de balanço, de madeira escura, envelhecida, com pequenos furos no acolchoado do espaldar. Carlos sentiu um arrepio percorrer seu corpo ao imaginar que alguém estivera sentado ali, observando-o enquanto dormia. Quanto tempo permanecera dormindo naquele lugar? Afinal, que lugar seria aquele? Como fora parar ali? Essas perguntas inundavam os pensamentos de Carlos e o faziam temer por sua própria segurança. As tentativas de recordar a noite anterior foram infrutíferas. Supôs ter bebido além da conta, pois sua cabeça doía e as coisas ao redor pareciam girar. Talvez tenha saído com alguma mulher que conheceu na noite anterior, mas não conseguia lembrar de nenhum fato.

Tomado por indagações, Carlos tentou levantar-se da cama, com o intuito de familiarizar-se com o ambiente. A partir do esforço investido, ele percebeu que algo estava errado com todo o seu corpo; insuportáveis dores se seguiram ao episódio, fazendo Carlos adentrar em uma espécie de delírio. Em sua visão, começaram a passar fitas de cores diversas, que pareciam querer entrelaçar-se por todo o seu corpo.

Passaram-se cinco segundos de desespero, até que tudo ficasse preto em sua vista; Carlos sabia que estava prestes a desmaiar... Acordou sem saber quanto tempo havia transcorrido desde que apagara. Notou, porém, que já não se encontrava mais ao lado da cama o porta-retrato, mas, sim, um envelope mostarda. Com muito esforço, conseguiu alcançar o envelope e observou que lhe era destinado.

Após breves segundos de nervosismo e espanto, Carlos rasgou o envelope e pegou um bilhete que havia dentro. Um arrepio percorreu-o todo, fazendo-o soltar um breve gemido; as mãos tremulantes deixam cair o bilhete, junto ao qual havia a foto de uma criança. Era um menino, que aparentava ter três anos de idade, de cabelos cor de milho, ao lado da mulher do porta-retrato. Na foto, o menino sorria, em um alegre dia de verão.

Carlos tentou levantar-se, mas seu corpo não o obedecia. A garganta seca sufocava um soluço. Longas memórias passaram na mente de Carlos... Aquele menino! A imagem da criança acompanhava-o há dois anos. Desde o atropelamento, sentia-se assombrado por constantes lembranças... Se não houvesse bebido naquela noite...

Depois do ocorrido, Carlos passara os últimos anos em um redemoinho de culpa e arrependimento, porém, jamais imaginou que pudesse acabar assim; suas pernas estavam paralisadas na cama; o pavor espalhava-se por todo o seu corpo, fazendo-o sentir fortes espasmos e tremores; se era a fatídica morte ou o medo, Carlos não sabia responder.

O bilhete junto da foto do menino era tristemente categórico: “Você morrerá em cinco minutos! A mulher sorridente no porta-retrato era eu, antes de você tirar a minha razão de viver.”

Em memória

Camila Izidorio de Sousa

Servidora técnico-administrativa da Universidade Federal do Ceará desde 2012, com lotação na Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas. Nesta mesma instituição obteve sua licenciatura em Letras e atuou durante alguns anos como professora de português, espanhol e literatura. Atualmente também se dedica a realizar traduções e se atreve, de vez em quando, a escrever crônicas, contos e poesias para compartilhar com familiares e amigos.

EM MEMÓRIA

O dia estava meio nublado, e olhando pela janela enquanto preparava seu café encharcado de leite em pó, a menina já adulta foi acometida de nostalgia. Eram memórias da infância, dessas que se tornaram recorrentes nos últimos meses, como uma tentativa do universo em fazê-la entender o meio-termo de dois mundos: o seu, de metrópole moderna e cheia de racionalidade, e o dos seus antepassados interioranos: um mundo que transcorria mais devagar, embalado pela languidez morna do presente. Lembrou do avô, que era de um tempo em que a fé na extravagância humana era escassa, e habitava um lugar onde poucas notícias chegavam. Raimundo nunca botou fé sequer em uma calculadora, nem jamais lhe desceu goela abaixo a lenda de que o homem pisou na lua. A menina um dia contou para o avô a aventura dos astronautas em um foguete, o avô sorriu num misto de incredulidade e decepção: “Ora ora, minha filha, a lua num tá ali pra ser pisada por nós não. Ela é a rainha mensageira das águas”. A sabedoria pra ele era aquela que nascia observando o tempo, decifrando os códigos da natureza, sentindo o cheiro do vento terral, que revelava a forma das marés. Ele reconhecia bicho e gente só pelo rastro, enquanto a neta era incapaz de distinguir a própria pegada no areal.

Ana observou o céu, as nuvens estavam engrossando. Talvez viesse chuva por aí. Sentiu vontade de se acomodar entre lençóis e ouvir histórias pra esquecer o agora enquanto desfrutava de sua bebida quente. Outra vez pensou no avô, que era pouco afeito a coisas ilógicas, mas tinha lá suas experiências com criaturas de outras dimen-

sões. Quando o sol desaparecia e a luz do lampião lançava seu brilho amarelo na velha cozinha da casa de taipa, a gente do povoado vinha escutar seus sucessos com assombrações noturnas que saltavam dos galhos das árvores e montavam em seu cavalo em pleno trote. O tal do Velho do Pé do Morro, suposto guardião de um baú abarrotado de ouro, ficou tão popular que os relatos sobre suas aparições a outros aventureiros se tornaram comuns no lugarejo. Nos dias de histórias mais tremendas, até os cabras mais robustos e destemidos, que não eram lá de titubear por qualquer coisa, às vezes fechavam a janela onde estavam escorados. A desculpa sempre era o frio, mas todo mundo via que as mãos de uns pareciam tremer e o suor pingava da testa de outros quando o avô começava a falar sobre outra classe de cruvianas. Eram umas que vinham de além-mar, uma espécie de vento noturno com som de gaita, que andava em busca dos desprevenidos para meter-lhes sentimentos ruins no peito.

Com o café já esfriando, pela janela a menina adulta só enxergava o concreto à sua frente. Edifícios de desenho repetido. Até o vento tinha abandonado a rua. E robôs supostamente humanos passeavam nas calçadas. Recordou que, na casa do avô, as janelas tinham outro retrato. Coqueiros e dunas sem fim. E lá ela gostava de ficar abancada nas janelas enquanto conversava com o vizinho sentado em sua cadeira de rodas. Essa condição do velho veio com a idade já bem avançada, dez filhos criados e duas dúzias de netos. Um adoecimento. Agora as pernas só chegavam até a altura do joelho. E a neta se admirava quando ele dizia que estava com uma coceira na planta do pé. O homem parecia seguir interessado pelo mundo e pela vida. A Ana adulta só entendeu muito tempo depois que chega mesmo uma estação da existência humana em

que importa mais se desviar dos obstáculos do que tentar removê-los. “Tem coisa que fica sem preste, minha filha, mas a gente num pode se encabular não”. Ela não via, mas sabia que o avô estava sentado ali do lado, contando coisas, ensinando o que só hoje ela podia entender.

Como bom madrugador, às 05:30 da manhã já era possível ouvir o barulho de sino da cadeira de rodas do ancião passeando pela casa, abrindo portas e janelas para que entrassem a luz e a brisa do mar. E se às seis horas nenhuma alma vivente estivesse desperta, ele não perdia tempo, se aproximava furtivamente da porta dos quartos e, sem nenhuma cerimônia, anunciava: “Se levantem que o sol já tá é alto!”. Saía sorridente, satisfeito com sua chacota matutina. As mãos de dedos longos, finos e enrugados empurrando com esforço os aros do seu veículo. Na cozinha ficava à espera de um neto voluntário que resgataria o seu relógio preto de pulso que havia sido pendurado religiosamente na noite anterior ao lado do calendário de parede. Nas férias escolares, o posto costumava ser concorrido. Havia um ou outro tabefe entre os primos, e a menina como era das menores, era a primeira a ser posta de lado. Depois de adulta talvez ainda guardasse alguma mágoa da ferocidade com que era tratada pelos primos maiores. O vencedor colocaria o objeto no braço do avô, no furo de costume, e ele passaria o dia a controlar a passagem das horas, travando batalhas com o seu contador do tempo. Raimundo podia prescindir totalmente da peça, pois era olhar o sol para saber a hora. Mas todos carregamos as vaidades do ego. Era deveras importante garantir que ele entendia do tempo tanto quanto a máquina.

Ana sempre soube que o avô amontoava segredos na alma. Apesar de ele ter uma envergadura e estatura normal de humano, algumas

de suas coisas tinham um tamanho extragrande. E infeliz de quem as tocasse ou usasse. Entre os netos circulava a fábula de que eram a herança de uma falecida bruxa. O seu arsenal esdrúxulo era composto por: uma extravagante colher de metal, que certamente foi usada nos caldeirões de magia da falecida. Ninguém entendia como era possível, mas ele tomava sopa com aquele utensílio. Um insólito e descomunal pente dourado, usado para alinhar os fios de cabelo remanescentes. Uma caneta titânica, que mais parecia uma vara de pescar. Seus únicos luxos. De origem absolutamente desconhecida. Talvez regalados por algum forasteiro, pois por aquelas bandas sempre surgia um passante disposto a bater dois dedos de prosa ou algum viajante fazendo sua parada técnica para o café (naquela velha confiança típica dos lugares mais distantes), algum vendedor de quinquilharias (redes, tampas novas para panelas velhas, perfumes de fragrâncias duvidosas e, com sorte, algum remédio milagroso). Ninguém parecia ter pressa naquelas horas frouxas. Em ocasiões, um trazia a viola debaixo do braço. Isso era festança. E a música entrava no coração de todo mundo. O avô ouvia tudo com uma permanente expressão de sorriso, e com a voz rouca acompanhava alguns estribilhos. Seus olhos estavam nos movimentos faceiros das cordas do instrumento, e os olhos de Ana estavam nos seus, interpretando cada microexpressão de alegria trazida por aqueles momentos. Às vezes, ela divisava alguma lágrima nos olhos macilentos do avô. Elas saíam tão leves que ele nem as sentia. Eram as confidências sendo cutucadas pelos acordes das emoções.

Com a xícara agora vazia nas mãos, a menina adulta entendeu que todas essas lembranças tinham que ser. Aquele era o dia e o tempo. Certamente aquilo tudo já estava programado no relógio do avô,

que talvez fosse mais um dos presentes da bruxa. Porque começou a chover, e desde criança ela sempre soube que a chuva lavava a alma do avô, por isso ele sempre estava onde chovia. Quando menina, enquanto ela se lambuzava nas poças d'água que se formavam no areal ao redor da casa do velho, ele ficava sério olhando da janela, sentado em sua cadeira de rodas em postura de reverência, absorto em contemplações longínquas. Naquelas horas o pensamento dele ia para o roçado e ficava a imaginar o líquido macio levando vida para as sementes que ele já não podia plantar. A expressão lívida de quem está maravilhado com um milagre. Em um reflexo de lucidez, Ana percebeu que herdou um pouco desse olhar, e ver a chuva cair lhe trouxe uma sensação que poderia ser definida como paz. O seu tempo estava inexoravelmente ligado ao do ancião. Sentou para assimilar melhor a experiência, e a rua agora era um rio formado com a água de remotas borrascas. Tudo passava e se misturava. Em uma eterna continuação do que sempre foi. Ficou ali em pensamento com o avô, em um silêncio cúmplice, ambos sabiam que seus mundos antagônicos também eram o rio.

Marcelo Tavares Natividade

Antropólogo, Jornalista e Cantor da Música Popular Brasileira, Cientista Social e Especialista em Jornalismo Cultural, Pós-Doutor em Antropologia Social pelo Museu Nacional, UFRJ e Doutor na mesma área pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É docente do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, sócio efetivo da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT) e da Federação Nacional dos Jornalistas do Brasil (FENAJ). Atua na área da produção cultural e artística, aprimorando as interfaces entre arte, educação e sociedade. Pela Editora Metanóia e Estúdio Som do Mar, lançou o álbum musical *Dádiva*.

JOGO

Eu sou uma mulher fraca. Eu admito.
Fraca, a ponto de pedir pra você que não me veja como fraca.
Eu sou tão fraca que me dissimulo forte.
Pra não te perder.
Esse medo de perder o solo e de perder seu rosto.
Eu me visto de forte, pra me desfazer de fraca.
Eu sou fraquíssima e tanto sou que enceno as personagens fortes. Necessárias para atrair tua atenção.
Pra não permitir que você se esvaia de mim.
Sou heroína.
Cínica.
Abnegada.
Desvirtuada.
Descolada.
Sou infiel, se precisar.
Bem do jeito que você gosta!
De me fantasiar entregue a outros homens.
Sentindo essa mistura de medo e gosto de eu me desfazer em delícia e dor, em outras mãos que não as suas.
Enredo de filme erótico barato, desses que você consumiu a vida inteira. Sigilosa e hipocritamente.
Que nem adolescente imberbe, mesmo hoje, aos 50 anos.
Nenhuma sofisticação, só clichê e tesão.
Eu sou uma camaleoa nessa fraqueza-fortaleza.

De muitas caras, taras, interpretações e tramas.
As tramas que te prendem a mim, sem que você consiga dar um
passo em falso pra se proteger.
Preso ao meu ora fingimento, ora verdade. De quem é forte e fraca.
De muitos jeitos, só pra te envolver.
Você titubeia.
Pobrezinho!
Somos prisioneiros dessa encenação forte-fraco, alternando os papéis.
De joelhos, você me pede que te bata no rosto.
E eu obedeço e me agrado.
Depois eu, de joelhos, te peço que me faça.
Leve, como combinamos.
Nunca topei violência.
Só prazer e intensidade.
Você obedece e se agrada.
Nos agradamos um ao outro.
E vamos vivendo.
Mentindo.
Sofrendo.
Querendo.
Revelando.
Ocultando.
Coloco na bolsa algumas coisas básicas, dessas de quem planeja
hoje trair.
E depois fazer um lindo e romântico jantar.
Pra agradar o seu amor.
A iluminação perfeita.

Um cheiro de casa e doçura familiar.
Com os temperos certos.
A textura exata.
O aroma perfeito, pra encher o ambiente.
E disfarçar o cheiro de sexo em mim.
Ajeito na bolsinha vermelha umas coisas.
Camisinha, gel, perfume, cigarro, um bolinho de notas amassadas
(metade da grana do hotel), um shampoo barato.
Desligo o telefone, depois de te discar e encenar:
- Amor, tive um imprevisto. Um cliente de última hora. Vou ficar
sem celular, mas te ligo assim que ficar em área.
Bato a porta.
Decidida.
Como você sempre faz.



Morado

Bruno Alves de Sousa

Graduação em Direito, Especialização em Ensino de Ciências Humanas, Mestrado em Antropologia.

MORADO

Ele estava lá, deitado sobre a cadeira. Estirado, na verdade. Feito roupa enxuta, desengomada. A coluna mais sinuosa que rastro de jacaré. Mas me fitava com um olhar oblíquo e altivo. Eu, todo cabisbaixo, fui me aproximando. Pesado, como quem carrega uma bola de ferro nas pernas. Vagarosamente. Os olhos arrastados de quem passou longas madrugadas insone. Era o jeito, era o tesão, era o trabalho, era a produção, era o remédio, era a crise, era a tarefa, era o tédio... Era, mas já era. E muito erra quem muito era.

De início, arranquei veementemente o véu da culpa. Não esqueci de você. Eu só não lembrei. Por favor, me desculpa. Tudo em vão. Ele só escutava. Eu ouvia a gargalhada daquele silêncio inquisidor. E foi assim durante aquelas horas de calvário pelas reminiscências. As palavras escalando a garganta seca. Cada cagada, uma genuflexão. E os joelhos... Ah, aqueles cobrariam horas extras que jamais seriam pagas, bem sabiam. Usurários que eram, capazes de foder comigo naquela hora, só pra passar na cara.

Já ele falava sem vocalizar. Daquele jeitão de quem senta do lado de lá do jogo do bicho. Com aqueles inconfundíveis olhos cor-de-nada. E participava de meus lamentos com leves balanços na cabeça. Mais leste-oeste que norte-sul. Parecia se compadecer daquela situação vexatória. Tantos anos, tantas oportunidades... Como chegou àquele ponto? Pra quê aquela covardia?

Em minha defesa, disse que ele tava sendo inconsequente e impiedoso. Sim, eu sabia que as coisas iam terminar daquele jeito. A única

certeza nessa vida. Mas ei, no começo foi tão bom! Fazia tanto tempo, mas a primeira lembrança era inesquecível. Tinha até foto. Pena que o banco levou junto com a hipoteca anos depois. Mas tem coisa que a labareda do homem não destroça. Impregna na gente, igual cigarro barato de boteco sujo. E me apegava àquilo. Pelos bons momentos. Ele não dizia palavra, contudo eu bem conhecia aquelas lágrimas se formando no canto do olho esquerdo, o fértil. E não estava bem-humorado...

Comecei a apelar. Nossa primeira festa de aniversário. Aquele banho de mangueira que deu bicheira, lembra? O reencontro no chuveiro, depois daquelas loucas e longas viagens de trabalho. Depois vieram as nossas trips. Aquele carnaval incrível em BH. Aquele lua enorme em Sagi e a gente cavalgando na moto por entre um canavial desconhecido. O vento de Jeri na cara, esticando nossos dentes na nossa feliz icloviagem de sete dias pelo litoral.

Até a mim aquele repertório foi cansando. Eu e essa mania besta de amaciar o passado numa tábua fina. E ele também foi descolunando mais e mais. Exaurido, desinteressado, enjoado daquela voz gêmea que circulava. Estava prestes a me enquadrar. Réu confesso que era, não tinha muito pra onde correr. Mas fiz questão daquela conversa.

Foi me dando um desassossego tão grande... Os pés já tinham composto umas quinze partituras. Uma mais inaudível que a outra naturalmente. E arrosei, cheguei bem de perto. Farejei por trás da orelha, esperando alguma reação. Pelo cheiro, ele ainda não tinha lavado. Ele também tinha seus esquecimentos. Nesse ímpeto, qualquer arrote de compaixão tava valendo. Eu me conformaria.

E continuei minha sustentação no nosso tribunal particular. Olha, eu sei que a gente cresceu muito junto. E sinto que você vinha me

pedindo a atenção devida. Também reconheço não ter sido um bom companheiro seu. Eu tô no teu caderno de velhaco pelo que vinha fazendo nesses últimos tempos. Sim, tava em falta contigo. Não, você não tem culpa de tanta mora. Olha eu te chamando “você”... O que a vida fez da gente? Fazia um mês que fazia dois meses que a gente não se ligava. Vagava junto, mas cada um no seu próprio cruzeiro. E foram vencendo os check-up, os boletos, a habilitação, o presunto, a pasmaceira. E fomos perdendo os feriados, os batizados de afilhados, a hamburgueria nova, as trilhas ecológicas, o tempo.

E entornei a capitulação dos arrependimentos. Eu tô adiando você já tem um tempo, né? Que o diga aquela tatuagem que nunca decidimos se/o que/ onde/com quem faríamos. E nem posso usar a desculpa dos estudos, porque já tinha concluído a pós. E aquela ideia maluca de ir trabalhar de skate? Pois é, agora virou modinha. Mas você detesta modinha... Ah, quem sabe a gente pode tentar aquela viagem pra... pra... pra onde mesmo? Era Marajó ou Berlim? A porra da pandemia bagunçou com tudo aqui dentro e só podia circular pelo corredor da memória. Ô desgraceira. Ele arregalou os olhos e riu suavemente, checando as linhas do bloquinho de dívidas e conferindo quadradinhos em branco. Procede.

E apelei. Olha, espero que não fique puto comigo, mas entendi se ficar. Porque eu mesmo fico. Ando bem cansado. Foi revelador aquele dia que eu senti o peso de você na minha vida, que não corria mais como antes. Envelhecer contigo de alguma forma tem sido um devir-parir diário. E quando lembro de você, dou aquela olhada num fiapo de espelho quando eles deixam. E vejo mais uma ru(g)a na minha testa, a formar um mapa, a cartografar preocupações. De repente tudo ficou

tão pesado, né? O mofo nos pulmões, a mancha no trinco, os papéis da casa. Nem o beijo demorado tara mais nossa balança.

Eu sei que vivo prometendo que te embeleza, te levar pra lugares novos, te fazer morada. Você viu como eu tentei lá no começo daquela pandemia maldita. A gente fazendo os exercícios de yoga e rindo das estraladas a cada pranayama novo. Cada estampido, uma nova ocupação. Tal qual polícia estourando boca. E a boca. Ah... faz falta. Pena que descobri tarde.

Mas quero te dizer, talvez sem muita credibilidade, que quando terminar esse nó na garganta após a pandemia quero te levar a lugares novos. Quero voar contigo. Aqui tenho sonhado tanto com voos. Lembra daquele *parapaint* dez anos atrás? Que tal voar de novo? Mergulhos eu ainda não te prometo, porque não caibo na água. Se não posso ser profundo, quero tentar ser leve. Anima desse convite? Não desiste de mim quando eu sair daqui.

Justo nessa hora, o alarme tocou. Pela terceira vez. Hora perfeita pra perder a hora, como era habitual. E foi assim que me despedi. Sem perdão, porque se fosse bom se chamaria perdinho. Catei do chão o pesado véu da culpa. Dobrei delicadamente e guardei aquele arremedo no bolso da frente. Agora cabia, não pesava tanto. E fui me afastando, salvei e fechei. Sem selfie nem promessa de ligação. Nem pra pedir notícias da cirurgia, por onde tem morado. E dei adeus àquele inusitado encontro com ele, meu próprio corpo.

Juliana Maria Fernandes de Almeida

Graduada em Biblioteconomia. Especialista em Gestão Pública e em Educação Especial e Inclusiva. Bibliotecária da Biblioteca Universitária da Universidade Federal do Ceará. Além da Biblioteconomia e Ciência da Informação, tem interesse por literatura, pintura, desenho, entre outras produções artísticas, de cunho artesanal.

O MURO

Observava por sobre o muro com uma expressão pensativa. Era uma decisão difícil, refletia. Cada lado tinha suas qualidades. Gostava de ver a ambos. Os dois lhe pareciam favoráveis e desfavoráveis ao mesmo tempo.

– Rui, você precisa decidir! – Ela disse com uma voz imperiosa – Quanto tempo irá permanecer nesse muro?

– Ah! Mas é tão difícil escolher – falou com um ar de impotência. Os dois lados têm suas vantagens.

– Você precisa escolher. Tem que decidir.

– É verdade, mas não é uma tarefa fácil.

– Você observou muito. Provavelmente já tem suas preferências. Já sabe o lado que melhor lhe convém.

– É verdade. Mas acabo sempre mudando de ideia. Às vezes penso que é este e depois penso que é aquele. Falou apontando para o lado direito e esquerdo do muro.

– Você é muito indeciso. São lados muito distintos.

– É verdade. Mas gosto de cada um, assim como também desgosto às vezes.

– Mas deve ter um que mais lhe atrai.

– Na verdade não sei dizer com certeza. Mas os dois lados têm suas qualidades e seus defeitos. – Rui falou e em seguida apontou para o lado direito – Esse lado é bem interessante, principalmente durante o dia, passam pessoas agradáveis, carros velozes, é tudo tão impecável. Elas parecem felizes, satisfeitas, caminham com tanta confiança. Mas

tudo passa tão ligeiro... As pessoas nunca param ou observam o que as cerca, sempre olham adiante. Penso que lá na frente deve ter algo muito interessante. Todos correm em direção a esse “algo”, lá na frente. Um ponto que, para mim, daqui é indefinido. Se ao menos eu pudesse ir lá conferir, ver o que há.

– Não pode, Rui! Você precisa decidir, e uma vez tomada a decisão, ela é sua, é o seu lado.

– É verdade, mas é difícil decidir, é uma decisão importante.

– E no outro lado, o que viu de interessante?

– No lado esquerdo, as pessoas andam menos despreocupadas, mais lentamente, alguns param para conversar, olham em volta. É verdade que não são tão impecáveis como as do lado direito. Eu poderia até mesmo dizer que são um tanto desleixadas, algumas usam farrapos e parecem um tanto descuidadas. Mas isso pode ser resultado da falta de rigidez. As pessoas são mais soltas, despreziosas, não se importam muito com aquilo que usam, com sua imagem. Bem diferente do lado direito. E no lado esquerdo há bastante diversidade, algumas moças andam sorridentes, dão gargalhadas e dão voltas na calçada, como se não tivessem muito o que fazer, como se estivessem ali para passar o tempo. Ficam de conversa com alguns passantes. Entram em algum carro e depois voltam. Sempre voltam – Ele captou o olhar sério dela e continuou absorto – Do lado direito eu sempre vejo as pessoas passarem, crianças, jovens, idosos todos bem-apegoados, e sempre vão em frente e nunca voltam. Um fato muito intrigante, inclusive! Mas deve ser porque voltam muito tarde e eu já não esteja observando no muro, mas é estranho, me deixa um tanto ansioso pensar para onde vão. Nunca sei para onde vão.

– Esse muro não é muito extenso, Rui. Não acha desvantajoso estar por muito tempo sobre ele, imóvel? – ela disse em um tom sério.

– Sim, às vezes. Mas me sinto seguro aqui. Em ambos os lados parece ser alegre, mas há coisas que vejo que me fazem duvidar.

– O que seria?

– Você sabe que eu sou um amante dos animais, da natureza. O lado direito é muito impecável, perfeito, mas não vejo animais soltos, cachorros, gatos. Quando aparecem, estão em suas coleiras, em correntes, mas nenhum livre. Me pergunto se todos foram adotados, ou se é feito um bom controle de natalidade. Do lado de lá, porém, são tantos animais soltos, vagando, magros, livres, porém, parecem abandonados à própria sorte. Isso me deixa apreensivo.

– Não há como saber com certeza Rui, apenas se você descer do muro.

– Eu gostaria de descer e verificar, para ter certeza. Seria bom ter uma experiência antes de decidir. Conhecer os dois lados, antes de opinar.

– Infelizmente, não dá. Com certeza algum lado lhe atrai mais. Você precisa ver aquele com que se identifica.

– Gosto da beleza, da alegria superficial, da organização do lado direito, gosto da naturalidade, dos sorrisos, da leveza, do lado esquerdo. Mas os dois lados me deixam inquieto sobre alguns pontos. Fico indeciso. Os dois me atraem, os dois me repelem. Sinto que ficar em cima do muro é mais cômodo para mim. Não ter que decidir ainda é como se ainda tivesse uma chance.

– Mas você continua no zero a zero, Rui. A voz dela era impessoal, mas imperiosa, um tanto impaciente agora. Você não faz parte de

nenhum lado, precisa descer do muro um dia, esse muro é um tanto estreito e não é muito longo.

– Depende da perspectiva.

– Aliás, onde você mora, Rui?

– No fim do muro. Muitos vivem lá.

– E vivem amontoados?

– Não. Até que se vive bem.

– Há muitos?

– Muitos. Alguns vivem lá há anos. Nunca se decidiram. Penso que já desistiram, ou talvez nunca tenham cogitado decidir. Apenas vão levando a vida em cima do muro. Alguns até se decidiram mas acabaram voltando.

– Eu desconhecia esse fato. Nunca soube de alguém que tinha decido e depois voltado.

– Pois é verdade. Não são muitos. Mas parece que se arrependeram da decisão. Eu não queria me arrepender. Queria tomar a decisão certa para mim. E você, que lado decidiu?

– Eu nunca estive em cima do muro. Sempre vivi nesse lado.

– E como é viver desse lado?

– Não posso dizer. Pode interferir na sua decisão.

– Eu gostaria de saber mais sobre o lado esquerdo e o direito.

– Eu só estive em um, então não posso opinar sobre o outro. A decisão tem que ser sua.

– É difícil sair do muro. Na verdade eu gosto de observar. A vida nos dois lados parece boa. Tenho a impressão que perderei algo, caso me decida só por um.

– É o ônus e o bônus em tomar uma decisão.

– Não quero me arrepender.

– Você pode se arrepender por não ter tomado uma decisão.

Por viver sempre em cima do muro.

– Aqueles que vivem em cima do muro não parecem se arrepender – disse ele pensativo – Os que partiram sim, pois voltaram.

– Quantos partiram? – ela perguntou.

– Muitos.

– Quantos retornaram?

– Poucos.

– Viu? A maioria está vivendo do outro lado. O esquerdo ou o direito. Os que retornaram na verdade nunca tinham partido. Ainda permaneciam presos ao muro.

– É verdade – Ele disse após um breve silêncio.

– Todos vão para algum lugar, independentemente do lado. Fazem escolhas. Às vezes acertam, às vezes não. Com exceção daqueles que estão em cima do muro. Esses permanecem. Não fizeram escolhas. Não houve acertos ou erros.

– Eu gosto dos dois lados. É difícil para mim decidir – ele disse simplesmente.

– É fácil – disse ela em um tom decidido.

– Como?

– Se você fosse cair desse muro em que lado se apoiaria? Qual lado cairia? Você tem três segundos para decidir.

– Não. É pouco tempo pra escolher! – ele se sobressaltou – passei quase uma vida a observar e ainda não escolhi.

– Um.

– Os dois lados me atraem – ele olhou para o lado esquerdo e direito com fascínio.

– Dois.

– Os dois lados me apavoram – olhou em desespero para ambos os lados se agarrando ao muro.

– Três.

Ele lançou um olhar saudoso para ambos os lados.

– Então, o que você decide?

– Eu fico. Eu vou – disse com uma expressão resignada.

– Para onde?

– Você disse que sempre viveu de um lado. Qual?

– Na verdade, eu não sei. Esquerdo, direito, depende da perspectiva.

– O seu mundo se enquadra em qual? – perguntou ele, pensativo.

– Em ambos. – disse ela – Você falou em perfeição, em riqueza, em miséria, em desmantelo. Meu mundo tem tudo isso.

– Então você vive dos dois lados! Como é possível?

– Depende da perspectiva.

– Como assim?

– Do muro você vê o lado direito e o esquerdo. Eu só vejo o muro.

– Então se eu cair, eu cairei do seu lado?

– É uma escolha. É possível. Mas eu não sei na verdade.

– Eu realmente preciso decidir? – ele parecia cansado.

– Você precisa.

– Então eu desejo cair do seu lado do muro. O lado que contém os dois.

– Você não precisa desejar. Apenas escolha e desça.

Então ele deu um passo à frente. Em direção à voz. Dali o muro parecia alto, longo, denso. Mas ele estava do outro lado agora. Mas, em que lado? Qual lado ele escolherá? Não lembrava. Na pressa de decidir

caiu de qualquer maneira, em qualquer lado. Notou pessoas andando depressa, sem olhar para os lados, impecáveis, carros modernos, velozes, não havia nenhum animal na rua solto. Estava no lado direito! Talvez seu subconsciente decidiu. A verdade que não admitia, é que sempre escolherá aquele lado, desde o início. Simpatizava com ele. Até se via às vezes nele, com uma roupa impecável, o sorriso discreto, o carro veloz. Tinha essa ideia, talvez não tivesse coragem de decidir, talvez achasse que não combinava com sua figura, que não se adaptaria, que seria rechaçado. Achava que talvez pertencesse ao esquerdo, e nesse mundo perfeito não se encaixaria, seria como um pária. Mas naquele mundo o atraía, e agora que estava ali se sentia bem. Foi a decisão correta.

Olhou para o muro. Realmente ela estava certa, era um muro pequeno, minúsculo. Que figura patética ele deveria parecer para as pessoas que passavam ali, encolhido, vendo o mundo lá de cima, acanhado. Ainda bem que as pessoas não estavam interessadas ao que passava a sua volta. E onde ela estava? Não ouvia mais a voz. Talvez a pobre estivesse do outro lado. Ela disse que não sabia de que lado estava. Nunca viu além do seu próprio mundo desbotado, desmazelado, não fazia ideia do mundo organizado que ele pintou pra ela de cima do muro. Achou que ele falava também do seu! Não, agora ele via bem. Olhou uma última vez para o muro. Realmente era baixo, se quisesse poderia voltar, subir nele com facilidade, uma sombra passou em seus olhos. Não se arrependeria, agora que estava aqui! Sentia que era a decisão correta. Escolheu o lado certo!

Partiu confiante, ligeiro. Caminhou ao longo do muro, podia ver toda a extensão dele. Talvez devessem derrubá-lo, pensou. Era

estranho tê-lo ali, dividindo a cidade, dois mundos. Atravessou a rua. Desse ângulo pode ver melhor o outro lado, que dobrava rente ao muro no fim desse, uma outra rua. Seguiu esse caminho, viu uma praça, mais pessoas. Alguns cachorros vadios, moças sorridentes, indo e voltando. Ele olhou espantado. Ela estava certa, afinal. Eles compartilhavam o mesmo mundo, o mesmo lado. Não eram dois. Havia outro depois do muro. Mas não era intransponível, era o mesmo. Dependia da perspectiva, ela falou. Mas, do muro ou do outro lado?

– Então não se importa se se está no muro ou fora dele. Sempre se pode decidir que lado ficar. – Talvez eu ainda esteja no muro – ele disse em voz alta, pensativo – Então seguiu reto, rápido, não era mais um observador sobre o muro. Estava livre. Partiria. Estava decidido. Iria naquela direção, não olharia para trás, ou para os lados. Ia com pressa, mesmo sem saber pra onde iria. Seguiu até que perdeu o muro de vista. Não dava mais pra voltar atrás. Foi um caminho sem volta. As pessoas vão e voltam, ou simplesmente ficam. Ele simpatizava com esse lado que ia. Que permanecia. Talvez ele fosse parte dos dois. Talvez ele fosse dois. Dois lados. Dois mundos. Dois muros. O muro imaginário. O muro real. Ele e a voz. Ele e o muro. Ele, a voz. Ele, o muro.

A vendedora ambulante

Paulo de Tarso Cavalcante Freire

Bacharelado e Mestrado em Física na Universidade Federal do Ceará; Doutorado em Ciências na Universidade Estadual de Campinas. Área de atuação: Física da Matéria Condensada.

A VENDEDORA AMBULANTE

O ônibus que eu apanharia apontou no final da rua e avançou rapidamente. Subi no transporte resignado com a longa viagem que teria que enfrentar até atingir o meu destino. Antes de chegar à próxima parada, comecei a pensar nas várias tarefas que teria que realizar naquele dia, na requisição que teria que fazer...

Mas, de repente, o motorista freou bruscamente e fez torcer os pescoços de vários dos passageiros. Na parada tentou subir uma senhora com uma caixa repleta de pamonhas e de canjicas. Quando tomo o ônibus das sete, ela sempre sobe nessa parada. Nesse dia, a caixa estava aparentemente mais pesada do que de costume e a senhora não conseguia elevá-la acima do primeiro degrau. Ajudei, pois era um dos que se encontravam mais próximos das escadas da subida; fiz um esforço enorme e, com grande dificuldade, conseguimos adentrar os produtos da vendedora ambulante.

Com a vendedora de pamonha subiu também uma outra senhora, talvez irmã ou amiga, que trazia uma sacola também repleta de produtos. Elas se colocaram na parte traseira do ônibus e começaram uma conversa. Em breve, algumas cadeiras ficaram vazias e elas se sentaram lado a lado.

A vendedora falou à companheira como se continuasse uma conversa:

– ... pois na infância eu carregava pequenos feixes de lenha na cabeça e às vezes brincava na beira da lagoa. Lembro também dos mané-magros que apareciam aos montes quando o tempo estava bom, das formigas de asas perto de uma chuva forte depois dum tempão

seco, de quando a gente ia comprar coisa na bodega, tinha uma balança assim que dum lado o bodegueiro colocava um peso, tu lembra? A gente brincava a tarde toda no areal, mas isso era quando eu não tinha nem dez anos. Quando estava quase de noite, a mamãe mandava tomar banho e se preparar para o jantar. A nossa casinha naquela época era boa, tinha até o retrato da Santíssima Trindade na sala. Depois que meu pai se foi tudo ficou ruim, a gente se mudou!

Após uma pausa, como se estivesse arrumando os pensamentos, a vendedora então arrematou:

– Meu sonho é me aposentar e o dinheiro que eu apurar nessas vendas seja apenas para comprar as minhas coisinhas. Agora eu tenho que pagar o aluguel, a luz, que atrasei no mês passado, e a comida. Minha filha mais velha mora a duas casas da minha mas não tem coragem de me dar nem um prato de comida. Se Deus quiser, vou me aposentar.

A amiga discorreu um pouco sobre a sua moradia atual no que a vendedora de pamonha retrucou:

– A minha casa é pequena mas o meu sonho é comprar uma casinha lá para a Paupina. Ou então comprar um terreninho, depois arranjar uns tijolos, umas ripas, uns caibros, as telinhas, você sabe. Mas eu precisaria dessa aposentadoria. Com o dinheiro das vendas, no máximo, às vezes eu vou pintar as unhas. Mas não faço as unhas dos pés. A minha filha mais nova foi num salão de beleza e viu um serviço bem barato e furaram um dedo do pé dela e já tá há um ano inflamado. Agora está também saindo pus. Tô até preocupada, mas o marido dela num tá nem aí, e também a cunhada. Acho que vou ter que levar ela no médico. Não sei como vai ser porque ela está no sétimo mês. Mulher grávida pode tomar antibiótico?

A senhora que estava do outro lado, ao ouvir essa fala, entrou na conversa.

– A gente tem que ter cuidado com as clínicas de beleza baratas. Para mexer nos pés das clientes a pessoa tem que ter um curso de podologia. Eu trabalho em clínicas desde os quatorze anos, estou com trinta anos. Fiz curso de cabeleireiro, tenho o meu diploma, sabe? Na clínica de beleza em que trabalho, a gente não engana a cliente apenas para ganhar mais dinheiro. Eu digo logo: “olha, esse tratamento não serve para o seu cabelo”. O pessoal diz que tem tratamento sem química, mas isso não existe. Seja alisamento, luzes, permanente, relaxamento, progressiva, tudo tem química, o que difere os tratamentos é a quantidade de química. Tudo tem formol. Por menos que tenha, mas tem formol. A gente tem que ser honesta.

Após um pequeno intervalo para respirar, a cabeleireira, que usava grandes óculos e tinha o cabelo ligeiramente estirado, continuou:

– Às vezes a pessoa vai para um lugar mais barato e depois tem que gastar mais dinheiro. É como o povo diz, é o barato que sai caro. Faz um alisamento de sessenta reais por trinta reais; aí usaram um produto de qualidade inferior, e então, para que serviu a economia? Para fazer a unha, tem que ir a uma podologista, tem que pedir o certificado de curso de podologia. A senhora tem que ir procurar uma podologista para a filha da senhora, ela vai fazer o tratamento correto.

E a amiga da vendedora:

– Como ela está grávida acho que tem que levar num posto de saúde para saber se ela pode tomar o antibiótico.

Enquanto o ônibus avançava num trecho com menos engarrafamento, a conversa parecia ter atingido fundo o coração da vendedora e ela repetiu por três vezes:

– Eu vou pagar a consulta para a minha filha. Se eu não ajudar, não tem quem ajude.

E a cabeleireira:

– Eu tenho uma amiga que acho que é a melhor podologista da cidade. Ela trabalha numa clínica que fica atrás do *shopping* North Paradise. O nome dela é Verinha. A senhora chega lá e procura ela.

No que a vendedora falou:

– Nem que a consulta seja duzentos reais eu vou pagar para a minha filha.

E quando o coletivo quase chegava ao centro da cidade, a cabeleireira levantou-se, despediu-se “vá ver a minha amiga”, passou a roleta e sumiu na multidão. E a vendedora ficou na sua cadeira, triste, pensativa.

Olhando as calçadas da avenida por onde o ônibus agora avançava, chamou a atenção da vendedora um mendigo que dormia sobre papelões na escadaria de imponente prédio pertencente a um banco. A cor de suas vestimentas lembravam a da vendedora de canjica, que se encontrava calada nesse momento. Alguém poderia dizer que se tratava de uma confraria. Uma confraria diferente, forçada, forjada por séculos de excessivos privilégios e exclusões.

O ônibus terminaria a sua jornada em um terminal no outro lado da cidade. Continuou o seu trajeto por mais uns quinze minutos, período em que a vendedora cochilou e a sua companheira distraiu-se olhando pela janela do outro lado.

Próximo à parada de descida, a vendedora de pamonha ajeitou o seu gigolete, pegou algumas moedas no bolso da calça *jeans* para pagar a passagem e tentou convencer o trocador de que deveria descer pela

porta traseira por causa do peso das pamonhas e das canjicas. Avançava resolutamente em direção a mais um dia de duro trabalho. Seus fregueses certamente a esperavam na porta de uma fábrica ou de uma esquina movimentada. Com sua dor quase solitária, mas se expressando firmemente, ela gritaria:

– Olha a pamonha, olha a canjica. Pamonha e canjica fresquinha!

Entretanto, assim que ela desceu, a tira da sandália esquerda rompeu-se fazendo-a tropeçar e derrubar ao chão parte das pamonhas e das canjicas. Na claridade da manhã pareciam pepitas de ouro que um explorador desastrado derrubara na beira do caminho. Com a ajuda da amiga, com o joelho ralado e a mão ensanguentada, ela se levantou e enxugou o sangue na lateral da calça. A mulher – toda desejo de liberdade – deixou fugir uma lágrima que correu pelo seu rosto envelhecido.

Enquanto o ônibus se afastava, ainda consegui ver um pouco de canjica derramada na sarjeta e alguns transeuntes que ajudavam a vendedora a juntar as pamonhas e os potinhos que continuavam fechados.

De volta ao presente

Carla Roberta Santos Duarte

Pedagoga especialista em Psicopedagogia, atualmente trabalha como Pedagoga/Orientadora educacional na Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de educação, com ênfase em ensino e aprendizagem, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem significativa, desempenho acadêmico, assistência estudantil.

DE VOLTA AO PRESENTE

Acorda cedo. Pensa na roupa. Troca de roupa. Se vê no espelho e atesta que perdeu o ritmo dessas práticas de combinação de peças de vestir. Ensaia um salto, mas o *home office* tirou um pouco do equilíbrio e elegância dos pés: sapatilha é melhor mesmo!

Levo minha água ou um chá? Talvez um biscoitinho para o lanche. Onde está minha bolsinha térmica? Agenda, carregador e o apegado vidrinho de álcool 70. Não lembrava dessa movimentação toda para sair de casa para trabalhar. Já gastei boa parte da energia nesse apresto. Para sair tenho que planejar muito também o que vai ficar em casa: remédio do dog às dez horas, quinze horas. Não pode colocar muita ração, ok? Lanche do filho é fruta, está com sobrepeso... Olha a tarefa! Beba água e organize a mochila! Transporte escolar chega tal hora... Finalmente saí, esqueci a chave da sala, voltei, apalpei os bolsos, rodei... máscara ok! Saí novamente.

O carro parece não ter esquecido o melhor trajeto. As ruas e o trânsito pela manhã nada mudaram. Bate uma alegria estranha por ter que experimentar esse mini *pocket* de vida real, algo similar quando voltávamos para a escola depois das grandes férias escolares de fim de ano. A luz do sol arde diferente em meus olhos, as pessoas nas ruas de máscaras... crianças usando, inclusive. A estranha alegria dá lugar a um sentimento ainda inominável de incredulidade... Gente, isso é real! Infelizmente não foi um pesadelo. Poderia ser um enredo do Saramago, algo como “Ensaio sobre a pestilência” ... devaneio... o automóvel parece seguir sozinho.

Estranho demais passar pela Gentilândia tão vazia... Entro na rua do prédio em que trabalho e meus olhos passeiam por cada detalhe ao reconhecer os espaços, como alguém que vê alguém muito querido voltar de uma longa viagem. Vi Maria pela janela do carro, acenei. A barraquinha de acessórios e bugigangas do Louro insiste em sobreviver na calçada. Tantas vagas para estacionar! Não vejo o quiosque da tapioca, sinal de que a vida não voltou ao “normal”.

Um sorriso se abre quando desacelero o carro para entrar no estacionamento: a flanelinha me oferece um “Bom dia, doutora!”. Sinto que estou de volta, ao mesmo endereço, mas não ao mesmo ambiente... senti até que a oliveira ventilava diferente. Um silêncio... um miado conhecido: dona Bolachinha me recepciona tão espantada com minha visita, parecia que queria me atualizar de tudo que acontecera nesses tempos de minha ausência, miava um pouco ansiosa, se antecipou e abriu caminhos subindo a escada na minha frente, me olhou concentrada e junto comigo entrou na sala. “O que você me diz sobre o que está acontecendo?” “Onde vocês estavam todos?”, ou talvez aqueles olhinhos verdes felinos estivessem repreendendo a minha espécie: “Tá vendo no que deu?” ou “Quando vocês vão aprender?” ... Não, os animais não têm esse perfil de julgar as pessoas, mas que a gatinha estava querendo expressar algo, sim, ela estava! Dividimos o momento de saudade e estranhamento.

Mesmo com máscara, o cheiro de guardado pesou. O calendário de papel sobre a mesa indicava ainda 2020, olhei cada pedaço daquele lugar, reconhecendo alguns objetos: as *gypsophilas* desidratadas do último aniversário comemorado em 2020, no tempo que presenteávamos e abraçávamos os colegas tentando fazer surpresas em vão. Na mesa

o porta-lápis de espelho que havia comprado no centro da cidade especialmente para estar ali, hoje refletindo tanta solidão e silêncios... os livros, o cartaz do último projeto feito presencialmente antes do caos.

O ar-condicionado não ligou, as pilhas não aguentaram esse tempo todo... achei pilhas na gaveta, troquei! A sala começa a esfriar... penso alto: por que não inventaram ainda pilhas para humanos? Acho que as minhas estão esgotando a energia! A senha do computador... a senha? Inúmeras tentativas... Abri as gavetas e armários, dona Bolachinha entrou no armário para verificar que mistérios ali se escondiam, e eu não vi muita diferença na felina e em mim, ela conheceu o interior do móvel e eu o reconheci, lembrando de como era a dinâmica de trabalho “naquele tempo”.

O tempo fora do virtual parece passar diferente, o reconhecimento e reintegração demandaram muito, esqueci de almoçar. Saio da sala e o silêncio do corredor ensurdece, não tem colegas passando, não tem estudantes nas cadeiras de espera, tão competentes em dar vida a este prédio, a ausência deles é entristecedora. Penso em ir comer alguma coisa no restaurante da esquina, tomar um café. São quase 15h e um cafezinho, mesmo no calor, sempre cai bem.

Desço as escadas, aceno, abro a porta da recepção, cumprimentando a colega, chego mais perto para que possamos ouvir uma a outra: o fato é que com máscaras e escudos faciais, temos que caprichar no soletrar de cada palavra e impoção de voz. Meus olhos ainda não entenderam que não precisam se esforçar em abrir tanto, pois não fará diferença na comunicação. Pergunto à colega como estava o movimento na recepção, como ela está, como está sua filha... As perguntas foram automáticas, mas as respostas, aquelas, não eram esperadas. A

colega estava de luto. Seu pai morrera há duas semanas. O vírus da covid não pergunta se o escolhido vai deixar filhos e netos, se vai deixar alguma família desamparada... Ela ambarga a voz e eu penso que ela estava esperando a primeira pessoa perguntar alguma coisa para poder dividir seu sentimento, seu pesar, sua saudade... Escuto tudo com respeito e uma tristeza me invade levando as palavras e a fome que estava sentindo... – Lamento muito! Foi o que conseguiu sair da minha garganta fechada.

Sem jeito, sigo meu caminho para o café da tarde, Bolachinha me segue e me deixa no corredor externo, corto caminho para sair pelo portão do estacionamento, cumprimento o funcionário desconhecido. Lembro com muito desgosto, do dia em que soube que o Sr. Martins, o vigia noturno, também fora um escolhido do vírus, e não estava mais entre nós... Será que esse rapaz o conheceu, será que ele ouvira a sua voz grave e gentil? Voltar a um lugar sem as pessoas que lá trabalhavam, é como reler um livro e dar por falta de alguns personagens. Pelo celular eu pedia socorro: “Sr. Martins, me trancaram aqui em cima!”; “Sr. Martins, passou um rapaz estranho aqui no corredor, vem aqui me dar cobertura?”; “Sr. Martins, tem um homem no banheiro feminino, e agora?”. Não sei se quando pudermos voltar a trabalhar presencialmente de vez, e se eu precisar ficar até mais tarde, se outro funcionário será tão cuidadoso e educado como ele. A voz doce e grave dele está gravada na minha mente.

Gentilmente o rapaz tirou o cadeado do portão para que eu sáísse, subo a calçada para aproveitar os mais ou menos cinquenta centímetros de sombra. Vejo dois azulejos diferentes na calçada e lembro da voz do antigo funcionário (este não perdemos para o vírus da covid,

foi para a pandemia do desemprego mesmo!): “Dona Carla, cuidado nessa calçada, consertaram com esses azulejos brancos, mas eles são lisos demais, semana passada o sr. ‘fulano’ escorregou e quebrou o pé aí!”. Mais que depressa saí da calçada, preferi o sol a um pé quebrado, mal conseguia enxergar naquela claridade toda. Atravessei a calçada e cheguei ao restaurante. Pedi um café, estava sem fome, mas aceitei a sugestão de uma empadinha.

Notei que na calçada da frente, aproveitando aquela pequena nesga de sombra junto à parede, havia pessoas formando uma fila. Conversei um pouco com Maria, a atendente, me inteirei dos últimos acontecimentos do bairro e etc. Olhava pela porta a fila com uma idosa na frente, mulheres, homens, uma jovem sentada no meio-fio. Perguntei à Maria se era do banco aquela fila (mesmo achando estranho estar do outro lado da rua, e o banco estar na calçada de cá). Ela falou baixinho, como se estivesse constrangida “eles estão esperando as sobras do almoço daquele restaurante”. Eu fitei a fila com outros olhos agora... a empada não desceu fácil na garganta, o café amargou. Eu agora enxerguei a expressão da primeira pessoa da fila: uma senhora de cabelos brancos e testa franzida. Vi o rosto da fome.

Não conseguindo mais dizer uma palavra, terminei meu café, paguei e saí... não consegui mais olhar para aquelas pessoas encostadas na parede quente. Não quis mais vê-las... a realidade dói. Voltei para minha sala sem apreciar o caminho de volta. O vento forte do início de agosto me tocou com força sombria. Sentada na minha sala de trabalho, sozinha e desconcentrada, não conseguia definir se estava sufocada pela máscara ou pela angústia.

Minha psicanalista está de licença - uma crônica em associação livre

Susy Anne Almeida Cabral

Cearense, escritora e professora de língua alemã, é encantada com a ideia de que é a palavra, antes de tudo, que nos faz ser o que somos: gente. Cursou Letras (Português-Alemão) porque assombrou-se, em algum momento da vida, com a realidade de que não há vida humana fora da linguagem. É mestra e doutora em Linguística porque nunca se desfez desse assombro. Aliás, anda ultimamente ainda mais espantada com essa realidade. Não parece ser coisa que se cure, ela suspeita, e, então, persegue os segredos linguísticos como quem busca a vida. É autora de *A linha do desejo*, seu primeiro livro de poemas, cronista do projeto Bora Cronicar (@bora_cronicar) e uma das autoras presentes na coletânea *Fissura* (Editora Nadifúndio, 2020) e *Histórias de uma quarentena* (Holodeck Editora, 2021). Publica poemas, microcontos, contos e crônicas em sua página no Instagram (@susyanne.ac).

MINHA PSICANALISTA ESTÁ DE LICENÇA - UMA CRÔNICA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE

Sonhei com a cabeça de uma galinha. Via algo que parecia ter a forma duma cabeça de galinha no chão. Decepada, claro. E com um aspecto muito morto, como se fosse possível a uma cabeça de bicho, qualquer um que seja, estar agora mais morta do que no primeiro instante de sua morte. Estava muito morta aquela cabeça de galinha. Acordei de susto, atravessando de arrastão aquela zona mental em que você não sabe se acordou ou ainda dorme e, sabe Deus porque mistérios inconscientes, vê todas as respostas de suas angústias e questões psíquicas, embora vá perder todas tão logo saia dessa zona. Fica, com sorte, uma ou outra resposta que você consegue guardar porque teve tempo de elaborar aquela fagulha de lucidez em palavra. Botando a revelação – que de divina pode não ter nada – em palavrinhas uma atrás da outra, dá pra construir a memória. Pois bem, não tive condições psíquicas – ou linguísticas, porque mais dormia que acordava – de elaborar aquele susto. Não consegui converter o susto em pensamento nenhum que se organizasse linguisticamente. Era tudo sensação e espanto. Quase perdi a cabeça. A de galinha eu digo. Só não a perdi porque, depois dela, veio a imagem da cabeça de alguém que há um tempo fez certa galinhagem comigo. Foi aparecer a criatura que meu inconsciente, ressentido por certo, guardou como galinha inescusável e eu terminei de ser arrancada do sono, mas não do horror. De um sonho desse a alma sai gritando pela analista como quem grita no meio da noite, também por causa de pesadelo, pela mãe. Mas minha analista

me disse que precisava de uma licença de quinze dias. E de madrugada ela não costuma me atender, de qualquer forma.

Sem analista e sem mãe que pudessem me acalmar o juízo até que dormisse de novo, me restou tomar um copo d'água, para ajudar a engolir o choro, e fazer xixi, de luz bem acesa, como faço sempre antes de cada sessão. Um dia, a propósito, perguntei à minha analista se nesse xixi certo antes do divã havia algum significado psíquico. Como resposta, ela me perguntou por que eu sentia, antes de cada sessão, vontade de pôr pra fora algo produzido em mim. Analistas me parecem muito socráticos, quase que guardiões de uma maiêutica para fins psíquicos, porque com frequência respondem perguntas com outras perguntas. Mas voltando: eu precisava, ao menos para adormecer de novo, me livrar da cabeça da galinha. Deixar, como aquele xixi angustiado, a cabeça da galinha ir. A quem me lê e está se perguntando à qual cabeça de galinha me refiro, parabéns pela sagacidade de interpretação.

Voltei ao quarto, me aquietei na cama de novo e tentei dormir. Dispensei a posição fetal. Análise é coisa boa. Ajuda a gente a sair daquela condição infantil em que não há sonho porque, por assim dizer, todo arranjo (ou desarranjo) onírico é entendido como algo tão real quanto a parede do quarto. Quem nunca acordou com raiva dos seus por causa de desavenças que nunca aconteceram em outro lugar que não fosse sua mente adormecida não sabe o que é confundir realidade e sonho.

Sei que adormeci. Sonhei neste novo sono que eu perguntava pra analista se ela sabia como as pessoas matavam galinha no sertão. Às vezes, penso em ser psicanalista. Desanimo da ideia quando me

imagino passeando pelo inconsciente de um monte de gente vida afora, discutindo com eles as questões mais estapafúrdias. É certo que tudo é elaboração de quem é analisante, mas não ando muito certa de querer ocupar esse lugar na vida dos outros. Mas o fato que importa agora é que, após a revelação da cabeça da galinha morta, tive outro sonho. Lá estava a analista muito viva no meu sonho ouvindo sobre maneiras de matar galinha no sertão. Ou, antecipando coisas que ela me diria, lá estava eu lidando com meu inconsciente, travestindo esse monólogo interior de conversa com ela simplesmente porque este é um dos efeitos da análise. Ou seja, como não me atende de madrugada e, além disso, ainda está de licença, dei meu jeito de levar logo pra análise a cabeça da galinha e contar a ela uma experiência que tive há quase trinta anos. Eu devia ter algo em torno de dez anos de idade e passava férias num sítio pra lá de Mombaça, no interior do Ceará, quando vi uma mulher matar uma galinha pra fazer um almoço. Tinha método aquilo. O método que eu apresentava à minha analista em versão onírica. A senhora, que hoje, lembrando bem, me parece um tanto fálica, agarrou a pobre da galinhazinha pelo pescoço e a imobilizou. Olhou pra mim com olhos muito vivos.

— Tá vendo, ó? É assim que faz! — me ensinou.

E girou a cabeça da galinha o suficiente para quebrar o pescoço e a bicha morrer. Acordei.

Faltam nove dias para minha psicanalista retornar. Até lá preciso lidar com o luto e a melancolia de encontrar uma cabeça de galinha decepada e ensinar à analista a técnica necessária para matar aves quebrando-lhes o pescoço. Sem falar nas lembranças da galinhagem ressentida.

Contei à minha mãe meus sonhos macabros, que mãe não tira licença, embora também não se ocupe, não mais, de me atender de madrugada. Como toda mãe suficientemente boa, ela acreditou nos meus sonhos e, de pronto, pôs-se em seu honrado lugar castrador. Está ali até agora dizendo “Tá repreendido em nome de Jesus! Queima, Senhor! Tende misericórdia, Pai eterno!”. Não importa quantas vezes eu já tenha explicado que foi só um sonho, nada de feitiçaria ou coisa parecida. Aliás, lembrei agora que, pra psicanálise, se não me engano, o pai, na verdade, é que é o elemento castrador por definição. E lembro, no exato segundo de fechar esta crônica, que meu pai era muito galinha quando jovem.

Nove dias.

Pandemia, silêncio e esperança

Mônica Cardoso Façanha

Médica formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).
Mestrado em Doenças Infecciosas - UFRJ. Doutorado em Farmacologia - UFC. Professora Titular de Doenças Infecciosas do Curso de Medicina da Faculdade de Medicina da UFC.

PANDEMIA, SILÊNCIO E ESPERANÇA

Já tinha visto muitos filmes sobre as mais variadas formas de catástrofes, inclusive sobre epidemias. Epidemias naturais, a partir de diferenciação de microrganismos na natureza e epidemias oriundas da disseminação proposital ou acidental de microrganismos criados ou modificados em laboratórios e até de microrganismos provenientes de outros planetas.

As pessoas um pouco mais velhas que contavam histórias sobre a varíola, sobre o sofrimento de ter bolhas por todo o corpo, em deitar sobre folha de bananeira para amenizá-lo e as muitas perdas que provocava. Minha geração conviveu com a poliomielite e que foi controlada, mesmo com as sequelas à mostra até hoje em algumas pessoas que estão ao nosso redor. Sarampo, rubéola, caxumba, varicela, de tão frequentes, eram vistas como viroses próprias da infância e os pais faziam questão que seus filhos tivessem essas infecções ainda crianças, pois poderiam ser mais graves na fase adulta. Tétano e difteria, doenças com letalidade alta. Todas estas doenças tiveram sua incidência paulatinamente reduzida por vacina e a pressão delas sobre as pessoas, a comunidade, a sociedade e os sistemas de saúde foi sendo reduzida.

Na década de 1980 surgiu a AIDS. No início foi apregoado que só se transmitiria entre homens que faziam sexo com homens, dando a entender que todas as demais pessoas estariam protegidas. Logo se constatou que poderia ser transmitida por sangue e seus derivados, por compartilhamento de agulhas entre usuários de drogas injetáveis,

por uso de materiais perfurocortantes mal esterilizados e até em acidentes com eles. E mais, que poderia ser transmitida por relações heterossexuais. Além do preconceito contra as pessoas que adoeciam, as liberdades no que diziam respeito ao comportamento sexual foram marcas desta epidemia. As mulheres que, a partir da necessidade de entrar no mercado de trabalho e passarem a ter condição de se autossustentar, e do acesso aos métodos de prevenção da gravidez, começavam a se desvencilhar da pesada estrutura machista, voltaram a ser cerceadas, desta vez pelo risco de seus parceiros sexuais terem se contaminado com outros parceiros e transmitir esta e outras doenças para elas. Até o hábito de cuidado e vaidade feminina de cuidar das mãos e das unhas foi ameaçada. A descoberta de exames para identificar a infecção, o controle das transfusões de sangue e mais tarde a descoberta de medicamentos que controlam a doença, transformaram a aids numa condição crônica. O que não significa que não cause dor e sofrimento e que exija disciplina, mas já não é uma sentença de morte.

A epidemia de cólera foi muito impactante no início da década de 1990. Era uma doença que não acontecia no país há mais de um século. Ninguém tinha experiência com ela. Seu retorno era uma constatação de que nossas condições sanitárias ainda estavam com os mesmos problemas do século XIX e talvez agravadas pela aglomeração das pessoas nas periferias mais pobres das cidades e pela seca que continua tendo grave impacto sobre a população.

Seguimos com epidemias de dengue, chikungunya, zica, que passaram a fazer parte de nosso cotidiano. Foram adicionadas as epidemias de influenza, que chegaram a assustar, mas vacinas foram produzidas, adquiridas e administradas rapidamente e seu controle foi rápido.

O vírus Ebola chegou a assustar. O país se preparou para ele, mas felizmente não chegou.

No início do século XXI havíamos tido ameaças de epidemia por coronavírus que aconteceram na China (2002) e na Arábia Saudita (2012). Eram vírus com patogenicidade e letalidade altas. Porém, para nossa sorte, foram contidos no Oriente, e seja por sua menor transmissibilidade, seja pelas medidas preventivas adotadas na época não chegaram até nós.

Em dezembro de 2019 foi identificada na China uma nova síndrome respiratória aguda grave cujo agente responsável não era nenhum dos que já haviam causado problemas semelhantes anteriores. Foi identificado como SARS-CoV-2, que significa coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave e a doença foi chamada de COVID-19, cujo significado também tem origem na sigla em inglês, doença causada por coronavírus em 2019. Muito rapidamente a doença foi identificada em países vizinhos e em países europeus. O destroço que causou na Itália foi de uma intensidade inimaginável até então. Eram apresentados cenários que nos faziam associar com o que poderiam ter sido as imagens nas epidemias de peste da Idade Média. E logo foi detectado em diversos países da Ásia, Europa, América, Oceania e África.

A princípio, não se sabia ao certo quais as possíveis formas de transmissão nem o que fazer para impedir que ocorresse. Ademais, mesmo os equipamentos de proteção individual clássicos haviam desaparecido do comércio e estavam em falta nos hospitais. Não era possível saber quem estava e quem não estava transmitindo a infecção, qual era o período de incubação, nem por quanto tempo as pessoas que adquiriam o vírus continuariam sendo fonte de infecção para ou-

tras. As pessoas estavam adoecendo, morrendo e sem ao menos terem a chance de ser atendidas e cuidadas com o que seria adequado à gravidade do caso. E chegava a ser difícil ter quem tivesse coragem de cuidar, pois o cuidador corria o risco de adoecer e morrer por ter se disposto a fazer este trabalho.

Os sistemas de saúde não tinham como suportar a sobrecarga imposta pela enfermidade. Muita gente adoecendo e buscando atendimento. Era preciso ter critérios para procurar as unidades de saúde, pois casos graves corriam o risco de nem chegar a serem atendidos em virtude de todas as vagas estarem sendo ocupadas por pessoas com doença mais leve. Com as unidades de saúde lotadas, a população passou a buscar assistência médica só quando estava se sentindo muito doente. O critério de procurar a unidade de saúde só quando tivesse falta de ar, utilizado para influenza, se mostrou pouco sensível e tardio. Foi necessária a criação de novos leitos, hospitais de campanha e suspensão de procedimentos e internações eletivas a fim de abrir espaço para atendimento a pacientes com Covid-19. Mesmo assim, os profissionais de saúde começaram a adoecer, seja pela falta de EPI, seja pela quebra de protocolos que acarreta o uso inadequado, seja pela sobrecarga física e emocional decorrente das longas jornadas de trabalho.

Era preciso reduzir o número de pessoas adoecendo, para que o percentual de infectados que viesse a ficar grave tivesse a chance de ser cuidado. E foi decretado o *lockdown*. As pessoas não podiam mais respirar a menos de um metro e meio de distância das outras. A não ser que já morassem juntas.

Inimaginável que no século XXI, quando o planeta estava cada vez menor, com voos diretos a lugares cada vez mais distantes, vive-

ríamos para ver as pessoas pararem de se mover para não morrer ou não matar seus entes queridos. Cenários como esse só eram descritos nos piores momentos das epidemias de peste, varíola, cólera ou das pragas bíblicas do Egito. As cidades sitiadas exauriam seus estoques de alimento. As pessoas passavam fome. As pessoas morriam sozinhas e muitos cadáveres ficavam insepultos. Outras vezes, os moribundos eram levados para sepultamento antes mesmo de sua morte.

De repente, com o objetivo de não permitir a entrada do vírus, as fronteiras foram sendo fechadas. Os voos cancelados. Famílias ficaram separadas. Turistas retidos nos países para onde tinham ido por breve espaço de tempo. Milhares de pessoas confinadas em cabines minúsculas de navios de turismo.

O silêncio que tomou conta da cidade era assustador. Parecia que a qualquer momento a mão do destino levaria tudo que estava em volta. Não era possível ouvir nenhum som, nem ao menos um barulho corriqueiro e reconfortante. O anjo ou o vírus da destruição poderia estar em qualquer superfície, na maçaneta da porta, sobre a mesa, em qualquer coisa que pudesse ser tocada e, pior ainda, poderia estar no ar, no ar do corredor, do elevador, da rua, no vento... Era preciso ficar em casa e parecia que era preciso ficar quieto, como que para não chamar a atenção. Não podíamos fazer ou receber visitas. Podíamos falar ao telefone, mas dizer o quê quando, aparentemente, todos estão com estes sentimentos de medo, dor, pânico. A televisão repetia e reforçava as notícias de tudo de ruim que estava acontecendo mundo afora. As programações dos canais de televisão se ajustaram à nova realidade: fazer reprise de programas antigos ou veicular notícias sobre a pandemia.

Nossa identificação não era mais com a figura do mocinho que vai salvar o mundo, nem mesmo a dos protegidos por ele. Agora estávamos na posição daqueles figurantes que poderiam morrer no filme e não fariam falta, pois a vida seguiria com quem sobrevivesse à calamidade e sem eles.

Muitos milhares já se foram. A maioria dos que estão ficando tentam fazer seu melhor para continuar saudáveis e manter com saúde aqueles que estão ao seu redor. A existência de vacina acendeu a luz no fim do túnel. Esperamos que ela possa chegar a todos a tempo e nos mantenha em segurança.

Seu Bolota

Lucas David Reis Pereira

Servidor público federal. Graduando em Direito e monitor das disciplinas de direito constitucional e processual civil.

SEU BOLOTA

O dileto sr. Clarintino Pitágoras era conhecido nas redondezas como pessoa educada e afável, que não gostava de confusões e nem questionava nada. Preferia engolir os desagradados para não gerar atritos ou aborrecimentos.

A única coisa que o incomodava – mas isto não deixava aparentar – era o indistinto apelido de “Seu Bolota”, que obteve devido à sua baixa estatura, calvície lustrosa e sobrepeso. Pensava o Seu Bolota que se tratava de ignóbil alcunha. Não gostava disso, mas suportava.

Bastava pôr os pés na portaria de seu residencial, que já tinha notícias do famigerado apelido. Vinha desde o Fabiano, funcionário da portaria, até o Síndico desocupado, que nada mais fazia senão exercitar seu priapismo verbal com futricas sobre as vizinhas solteiras e casadas insatisfeitas. E diziam:

– Bom dia, Seu Bolota, como vai?

– Muito bem, obrigado. Disse o redondinho forçando o sorriso de boa convivência.

E seguia seu caminho para o trabalho, uma fábrica de uniformes em geral, onde há 17 anos exercia a mezinha função de gerente de compras, com o mesmo chefe e os mesmos colegas, todos fiéis praticantes do bolotismo social que tanto repudiava o Clarintino. Mas era assim mesmo. Não dizia nada para evitar atritos e aborrecimentos.

A velha fábrica ficava perto o suficiente para ir caminhando e, no percurso, o Seu Bolota sempre passava por duas barraquinhas de lanches, sendo uma delas cheia de baratas e a outra razoavelmente limpa;

um estudante simpático que há quinze anos vendia tapiocas com café para pagar a faculdade; uma senhora malvestida que sempre estava na calçada a fazer o que nunca se soube; um soldado numa esquina que há doze anos dizia ainda não ter sido promovido a cabo; um homem alto e magro, com orelhas de abano e uma arcada dentária defeituosa que oferecia empréstimos a juros baixos e, enfim, um taxista que dispensava corridas que fossem inferiores a vinte reais, mas que vivia se queixando da vida, que estava difícil. Passava por todas estas entidades todos os dias, e a verborreia era sempre a mesma:

– Bom dia, Seu Bolota, como vai?

– Muito bem, obrigado. Manifestava o adiposo senhor, sempre simpático.

Ao chegar ao seu trabalho, naquele dia em especial, foi informado pela recepcionista de que estava iniciando, na sala grande, uma reunião de emergência para saber quem assumiria a subchefia do setor de compras. Com a morte do seu Cicinho era a chance do bolinha finalmente engrenar na carreira e ganhar um aumento em seus rendimentos.

Durante os debates sobre as despesas, fornecedores, dívidas e encomendas, surgiu, enfim, o assunto da promoção. O velho senhor dono da fábrica, presidindo os trabalhos, fez aquele discurso forçoso e cansado sobre o presunto que ocupava a subchefia até bem poucos dias e, em seguida, anunciou a oportunidade pela vacância inesperada. Foi aí que, sem pestanejar, o balofo, espremido em sua cadeira com braços, pronunciou-se:

– Eu tenho interesse na posição, chefe. Trabalhei a última década no setor, e dou conta!

– Você? Respondeu o Reginho, sobrinho do chefe de compras.

– Sim, eu mesmo jovem, algum problema com isso? Disse o Clarintino, já desgostando do retruco do rapaz.

– Não é nada não, Seu Bolota. Mas me tire uma dúvida: se o senhor assumir, com esta forma de bolota, tem certeza que vai conseguir subir as escadas para o segundo andar, onde fica a sala do subchefe?

Após a fala gaiata do Reginho, todos que estavam na reunião, à exceção do velho senhor dono da fábrica, que presidia os trabalhos, caíram na gargalhada, zombando do Seu Bolota como se seu peso extra lhe representasse algum infortúnio risível.

Tal atitude dos presentes causou profunda irritação e constrangimentos ao seu Clarintino, que tentou, como primeira reação, correr do local para se esconder, como faria um menino que rasgou as calças no colégio – o que, infelizmente, não foi possível, pois estava entalado na cadeira de braços da sala grande, fato que apenas amplificou os regálórios zombeteiros dos reunidos.

Foi quando, sem ter mais o que fazer, e se armando de coragem, o Clarintino contestou o Reginho:

– Antes ser um Bolota, entalado numa cadeira, do que ser um jovem desqualificado e preguiçoso como você, que somente tem um emprego nesta fábrica por ter parentesco com o chefe de compras!!

Todos, então, ao ouvir tais palavras tão duras do bondoso Seu Bolota, fizeram aquele silêncio grileiro quase que instantaneamente.

– Como é!? Exclamou o Reginho, levantando-se já com a ponta do pé dianteiro e o calcanhar traseiro alinhados.

– Chega!!! A reunião acabou! Todos voltem a seus postos! Gritou o velho senhor dono da fábrica, que presidia os trabalhos.

– Menos o Reginho e o Clarintino, estes dois vão para casa esfriar os miolos, mas seguindo por caminhos diferentes, pois não quero perder outro funcionário na mesma semana. Ordenou o velho senhor, levantando-se aos trambecos.

Foi aí que o Seu Bolota pensou que estava tudo perdido. Perdera a promoção e possivelmente o emprego. Não deveria ter respondido ao Reginho, pois era só um moleque. Agora, certamente o chefe de compras, tio do moleque, estava lhe fazendo a caveira para o velho senhor que, no dia seguinte, certamente lhe daria férias permanentes.

Isso somente aumentou a raiva do Seu Bolota, que nunca foi sujeito zangado, de se deixar levar. Mas parece que, agora, era tarde. Não adiantava mais agir com calma e resignação.

Na caminhada de volta para casa, já no fim da manhã, o soldado o abordara, dizendo:

– Bom dia novamente, Seu Bolota! Saiu mais cedo do trabalho? O senhor acredita que, ainda hoje, a corporação não me promoveu para cabo?!

E o gorducho não se segurou:

– Também, com essa barriga de balão murcho e esse físico de tuberculoso, como espera ser promovido a algo melhor? Há quanto tempo o caro soldado não dá uma carreira para pegar um trombadi-nha? Indagou o Seu Bolota ao nobre policial.

– Que é isso, Seu Bolota!! O que lhe fiz para ter essa raiva toda de minha pessoa? Questionou, atônito, o soldado.

– O senhor? Nasceu, cresceu e se mudou para cá e, todos os dias, me chama por este odioso apelido “Seu Bolota”! Meu nome é Clarintino Pitágoras Tavares Mota! Passar bem!

Sentindo que a raiva ainda não passara, mas estando levemente satisfeito por dizer, finalmente, o que pensava, o Seu Bolota prosseguiu evitando caminhos onde tivesse que dizer mais verdades doídas. Mas não teve jeito.

Na calçada estava o jovem estudante, que sempre mudava de lado por causa do sol. Ele, infelizmente, parou o Seu Bolota e perguntou:

– Seu Bolota, vai café com tapioca para me ajudar? O senhor sabe que pago minha faculdade com o fruto do meu trabalho! Disse sorridente o jovem.

– O que você estuda? Licenciatura em ciências ocultas da infinitude? Pois há 15 anos te vejo dizendo que vende tuas tapiocas para pagar a faculdade! Pelo tempo, já deverias ser um PhD! Retrucou o Bolota ao jovem estudante.

– Valei-me, meu Jesus Cristo! Que deu no senhor, Seu Bolota? Questionou o rapaz assustado com a resposta.

– Meu nome não é “Seu Bolota”! Chamo-me Clarintino Pitágoras Tavares Mota! Passar bem!

Saiu ainda com raiva, mas consolidando seu recente currículo de pessoa autêntica, sincera e pouco preocupada com a opinião alheia. No entanto, esforçou-se mais para prosseguir nos caminhos até sua casa sem cruzar com as entidades que sempre o atubibavam, conseguindo chegar ao seu residencial bem no horário do almoço.

Ao pôr os pés na portaria, percebeu que Fabiano havia saído e, em seu lugar, estava o Síndico desocupado, o qual, de pronto, destilou:

– Seu Bolota! Já em casa, tão cedo? Foi demitido, é? Verberou o futriqueiro.

– Não fui demitido. Ainda tenho um emprego que me sustenta à custa do meu trabalho. Estou melhor que o senhor, que há anos vive

do salário de Síndico e do dinheiro que sua senhora ganha como funcionária pública. Respondeu o Clarintino.

– Como assim, Seu Bolota? Está querendo dizer que sou um desocupado? Indagou, incomodado, o Síndico.

– É claro que o senhor é um desocupado! E ainda aproveitador! Se tua mulher soubesse da metade das futricas que fazes com nomes das moças que residem neste condomínio, te trocava por um chiwawa! Replicou o Bolinha, jogando toda a verdade que, há anos, estava presa em suas pregas vocais.

– E ainda me ofende mais com mentiras! Quer saber Seu Bolota...

Mesmo antes de terminar a frase, o Síndico foi bruscamente interrompido:

– Seu Bolota é a vossa mãe!! O senhor sabe muito bem meu nome! Está nos boletos de cotas do condomínio que me envia todo mês! E quer saber? Passar bem! Afirmou fortemente o adiposo, partindo para seu apartamento sem mais conversar com ninguém.

No dia seguinte, após uma noite mui bem descansada, o seu Clarintino saiu para ver o que ainda conseguia salvar do seu emprego, preparando-se, ademais, para dar novas declarações àqueles que ouzassem chamá-lo de “Seu Bolota”.

Ao pôr os pés na portaria, Fabiano lhe deu bom dia. Apenas isso. O seu Clarintino, estranhoso da finura do moço, respondeu:

– Bom dia, jovem. E o Síndico? Não está aí com você, como sempre?

– Não senhor! O Síndico disse que tinha assuntos a resolver, e passou a ordem de não usarmos mais apelidos para chamar os moradores. Informou o porteiro.

– Muito bem. Disse o Clarintino e saiu.

Na sua caminhada para a fábrica, decidiu não mudar a rota por causa dos inconvenientes. Afinal, quem agia de forma errada eram aqueles que usavam apelidos para diminuir os outros. E assim, seguiu seu caminho.

Passou as banquinhas de lanches e, estranhamente, ninguém lhe dirigiu a palavra. Parou naquela mais limpinha e comprou um café, do que indagou à senhora que o vendia:

– Bom dia, senhora. O que houve? Alguém da região faleceu?

– Não, disse a digna senhora, mantendo a seriedade. É que o rapaz das tapiocas nos disse que o senhor detesta ser chamado por apelidos. Então, como não sabemos o seu nome, preferimos não arriscar. Explicou a mulher, entregando um café bem quentinho e o troco, já partindo para atender outro cliente, sem mais dar atenção ao ex-bolota.

E prosseguiu. Quando cruzou o caminho do jovem estudante de ciências ocultas da infinitude, este lhe virou a cara. Mais adiante, passando pela senhora malvestida, também não ouviu qualquer apelido. Na verdade, a mulher nem o cumprimentou. Esbugalhou os olhos e fez aquela cara de dor de barriga, mas se manteve em silêncio. O mesmo ocorreu com o soldado que nunca chegou a cabo e o taxista reclamão. Nem mesmo o educado senhor orelhudo lhe ofereceu o empréstimo a juros baixos.

O seu Clarintino estranhou muito toda aquela distância e frieza daquelas pessoas que via todos os dias, mas precisava se centrar em salvar seu emprego!

Chegando à fábrica, foi imediatamente chamado à sala do velho senhor, o qual com uma feição muita séria, informou-lhe:

– O senhor está mais calmo hoje?

– Sim senhor. Cometi um erro ao responder o garoto Reginho e peço desculpas. Relatou quase choroso o Clarintino.

– Não precisa se desculpar, entendo que sua atitude foi resposta a uma provocação injusta. Explicou o velho senhor, suavizando suas feições.

– Então, estou demitido? Adiantou-se o Clarintino.

– Demitido? De forma alguma. Na verdade, chamei-o aqui para comunicar que o senhor será o novo subchefe do setor de compras. Disse o velho senhor.

Enfim, o seu Clarintino recebera a notícia tão esperada. Estava radiante, de bom humor novamente e, àquela altura, mais satisfeito ainda porque não mais o chamavam de “Seu Bolota”, em parte alguma.

Todavia, os dias foram passando, o Clarintino assumiu suas novas funções e os sentimentos foram assentando na calma e na clareza que só o tempo traz.

As pessoas das redondezas continuaram mantendo distância do seu Clarintino. Passaram a um frio bom dia, sem pessoalidade alguma. Ele se tornara, enfim, uma pessoa invisível, pois a sensação que tinha era a de que ninguém se importava em saber seu nome.

Com o tempo, o Clarintino passou a considerar que era pior ser alguém invisível do que ser o Seu Bolota, conhecido dos vendedores de lanches, do taxista insatisfeito, do jovem estudante que deve estar prestes a se formar, do soldado que parece sofrer injustiças e do elegante senhor que oferecia os empréstimos.

Universo da leitura

A proximidade do universo da leitura com o público leitor é apaixonante, por vezes indescritível. Esta coletânea traduz uma paixão pelos gêneros conto e crônica, além de traduzir-se em elo importante da Universidade com seus servidores, pois contempla suas produções artísticas, necessárias para atravessar angústias, restrições e isolamentos que, embora atemporais, porque humanos, recrudesceram em nossos dias.

Essa paixão suscitada pela leitura une mentes, corações e almas; torna-se ponto de reconhecimento, quer de lugares e tempos, quer de opiniões e hábitos. É a eterna construção do cotidiano social, das ideias em suas várias interações com o meio. Portanto, a leitura agrega conhecimentos e sentimentos, propicia o interlace do cômico com o dramático, da aventura com a paixão, dá vazão às formas idealizadas, em múltiplas linguagens, pelo escritor.

A *Coletânea Travessia*, em sua segunda edição, traduz em contos e crônicas, o pensamento crítico, poético, filosófico, rítmico, clássico, social, memorial e contemporâneo. Excita o desejo de continuar nas entrelinhas, de deleitar-se nas rimas e frases, nos sentimentos e laços que reforçam os pertencimentos e os reconhecimentos da história privada com a própria história coletiva, submetidos que somos à mesma ordem social, ancorados que estamos ao mesmo mar.

Esses laços não representam amarras, ao contrário, aproximam os leitores em suas liberdades de ser e pensar, servem de bússola, a nos conduzir pelo mistério que nos envolve e unifica. Para além do puro deleite, compreendem os mistérios que nos assomam, que nos assombram e nos irmanam; são esses laços o ponto culminante do reconhecimento como cidadãos e cidadãs aptos a mergulhar no oceano da crítica, da cultura, da diversidade e do saber. Em suma, é nossa Universidade atravessando sua própria construção social, embasada no “universal pelo regional”, pois é assim que navegam os valores do futuro, e é assim que os principais atores e construtores dessa universidade, pedem “passagem ou travessias”, para trazerem à tona suas-nossas vivências, em contos e crônicas.

Joaquim Melo de Albuquerque

Diretor da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará

Uma coleção de significados e sonhos

Já imaginou uma coletânea de sonhos? Uma grande coleção em que cada sonho representa o olhar de uma pessoa, suas aventuras, seus anseios, uma porção de ideias, todas voltadas para fazer mais sonhos serem colecionados. Como uma biblioteca repleta de contos e esperanças. Nessa biblioteca, os contadores de histórias são pessoas comuns, servidoras, sonhadoras, que servem os outros com seus pensamentos e descobertas.

Neste segundo volume da *Coletânea Travessia*, os contadores de histórias, servidores da Universidade Federal do Ceará, imaginaram e construíram textos leves, outros mais sérios, alguns mais descontraídos. Em sua maioria, inspirados em situações corriqueiras, ainda que permeadas de uma sensibilidade incomum que faz o leitor querer conhecer quem arquitetou tais narrativas.

“Pule o muro!” Pode pensar um leitor ao apreciar um dos contos presentes neste livro com o entusiasmo da leitura curiosa por saber o que vai acontecer ao final. Esse é, afinal, um dos prazeres do exercício de ler, não é mesmo?

Cada um dos autores e autoras que dedicaram seu tempo para a escrita dos contos e crônicas reunidos nesta coletânea, se permitiram inscrever sua produção textual no *II Concurso Literário da Semana*

do *Servidor UFC 2021*, promovido com o intuito de colher histórias e semear escritos. Essa iniciativa teve início em 2020, idealizada pela Secretaria de Cultura da Universidade Federal do Ceará (Secult UFC), culminando na publicação do primeiro volume da Coletânea, e desde então, tem despertado o anseio por mais oportunidades, mais histórias, mais leituras e cada vez mais sonhos.

A organização desta publicação é também resultado dos esforços e do diálogo entre os diferentes setores envolvidos, formados pela Secult UFC, a Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas e a Imprensa Universitária da UFC, na promoção do incentivo à produção literária, bem como no reconhecimento do talento de servidores no campo das Letras.

Convidamos vocês, leitores, a seguirem nessa significativa travessia conosco! Conhecer as narrativas e perceber que servir-se da imaginação e das histórias é parte importante da nossa trilha cotidiana que se faz ainda mais interessante quando adentramos no mundo da Literatura e melhor ainda quando é formado por contos e crônicas afetuosas e sensíveis como as que se apresentam nesta obra.

Lady Dayana Oliveira
Produtora Cultural da Secult UFC

CAPA

A fotografia de capa, “Ponte Velha”, é de autoria do fotógrafo Gandhi Guimarães, que foi aluno do Curso de Cinema e Vídeo da Casa Amarela Eusélio Oliveira, equipamento cultural da Universidade Federal do Ceará vinculado à Secult UFC. Atuando também como realizador audiovisual, produtor cultural e professor de fotografia, Gandhi Guimarães contribui principalmente no cenário de arte e cultura independente em Fortaleza. A fotografia escolhida para a capa representa múltiplos significados e nos conecta com a cidade, em uma travessia urbana circundada pelo mar de possibilidades que está presente nestas duas formas de escritas com luz e com palavras: a fotografia e a literatura.



Visite nosso site:

www.imprensa.ufc.br



Versão Digital

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC

Av. da Universidade, 2932 - Benfica

CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará - Brasil

Fone: (85) 3366.7485 / 7486

imprensa@proplad.ufc.br

O conto e a crônica são dois gêneros literários que, por sua brevidade e leveza, requerem dos seus cultores grande poder de síntese criativa e habilidade no trato com as palavras, frases, períodos, parágrafos e agilidade nos diálogos. Nesta coletânea, seus integrantes dão testemunho de haver aprendido com os escritores do ramo o *modus faciendi* da arte praticada. A qualidade dos contos e crônicas aqui trazidos é inegável. Os textos me parecem haver alcançado os requisitos antes enumerados, uns com melhor, outros com menos realização, como é natural numa coletânea, mas sem que se perca a qualidade do todo.

Roberto Pontes

Poeta, crítico e ensaísta

Professor aposentado do Curso de Letras da UFC

